

**7º Simpósio de Ensino de Graduação****FONOAUDIOLOGIA EM ESPAÇOS SOCIAIS: LINGUAGEM E INTERAÇÕES EM UMA CLASSE DE EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS (EJA)****Autor(es)**

VANESSA RODRIGUES

Co-Autor(es)

ANA FLÁVIA DE MORAES FERREIRA
JULIANA APARECIDA DE SOUZA
THAÍ S LO PRESTI DA SILVA**Orientador(es)**

REGINA ZANELLA PENTEADO E REGINALICE CERA DA SILVA

1. Introdução

A disciplina Fonoaudiologia em Espaços Sociais - oferecida no 3º semestre do Curso de Fonoaudiologia da UNIMEP - busca propiciar aos alunos conhecimento teórico-prático a respeito da organização e funcionamento de diferentes espaços sociais que comportam a ação da Fonoaudiologia, bem como observar e discutir as interações e as práticas discursivas e a linguagem que ali se constroem com vistas à elaboração de ações transformadoras voltadas à promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida (UNIMEP, 2009).

Atendendo às Diretrizes Nacionais Curriculares (BRASIL, 2002) para as profissões da saúde, o Curso de Fonoaudiologia da UNIMEP propõe inovações metodológicas e novos cenários de práticas que permitem transformar as relações de ensino-aprendizagem, formar sujeitos autônomos, críticos e reflexivos, com competências e habilidades exigidas para atuar na realidade concreta (SILVA, 2006).

Um dos campos de atuação do Fonoaudiólogo é a escola uma vez que, nela, o ambiente social, a interação, a linguagem e a comunicação são recursos essenciais para capacitar as pessoas a assumirem responsabilidades e posturas ativas e participativas no sentido da viabilização de ações transformadoras dos sujeitos sobre a realidade, a serviço da vida, da promoção da saúde, da melhoria da qualidade de vida e da construção da cidadania (PENTEADO, 2002).

A dinâmica da linguagem há que ser avaliada, analisada e trabalhada nos diversos contextos sociais da comunidade escolar envolvendo seus atores sociais. O presente trabalho focaliza uma escola pública, especificamente uma classe de Educação para Jovens e Adultos (EJA), como espaço social de investigação.

O EJA é um programa da rede pública estadual de educação, destinado à capacitação, em nível de Ensino Médio, de jovens e adultos em um prazo reduzido – o Ensino Médio, que normalmente se estende em um período de três anos, no EJA é reduzido à metade, ou seja, três semestres, sendo que a cada semestre é aplicada uma prova que avalia a aptidão do aluno para a próxima etapa.

2. Objetivos

Apresentar os resultados do trabalho de observação realizado junto a uma classe de EJA para a disciplina Fonoaudiologia em Espaços

Sociais.

3. Desenvolvimento

Um dos espaços sociais observado por um grupo de alunas ao longo da disciplina Fonoaudiologia em Espaços Sociais, no 1S 2009, foi uma classe de EJA, de uma escola pública estadual de Piracicaba, no período Noturno.

Foram realizadas três (03) visitas de observação, durante as quais estabeleceram-se diálogos e entrevistas com a professora e 17 alunos.

As observações ocorreram durante as aulas da disciplina de Sociologia, orientadas por um roteiro, com questões previamente elaboradas pelas docentes que incluía aspectos como: impressões percebidas; vocação social do espaço observado; sujeitos envolvidos, necessidades, interesses, conflitos e condições em jogo; comunicação e formas de linguagem; relação entre espaço físico e a interação/linguagem/comunicação; relações entre linguagem, constituição do sujeito, formação da cidadania e qualidade de vida; propostas de melhorias.

Ressalta-se que esta disciplina estava sendo ministrada pela primeira vez no EJA atendendo a um dispositivo legal da Secretaria Estadual de Educação.

Os dados de observação foram registrados em forma de diário de campo e problematizados em sala de aula quando eram também realizadas buscas teóricas que orientavam nova observação. No final foi elaborado um relatório apresentado para a disciplina.

O foco da observação recaiu sobre a linguagem (oral, escrita, voz, expressão corporal) no contexto das interações que se desenvolvem neste espaço social.

4. Resultado e Discussão

Dos 17 alunos observados, onze (11) eram do gênero masculino e seis (6) do gênero feminino. A maioria dos alunos (13) tem entre 18 e 22 anos; três entre 23 e 28 anos e uma aluna tem 45 anos. Dez (10) alunos são trabalhadores, funcionários de empresas, indústrias e estabelecimentos comerciais e sete (07) encontravam-se desempregados.

A escola apresenta muros altos, janelas engradadas e o pátio todo coberto por telhas de zinco, passando uma impressão inicial negativa, de aprisionamento. A precarização do ambiente pode ser notada nas paredes das salas de aula, rabiscadas e com pinturas desgastadas; pouca luminosidade, lousas danificadas, falta de cestos para lixo (uma caixa de papelão é utilizada para esse fim) e pouca ventilação (um único ventilador doméstico é fixado acima da lousa). As carteiras e cadeiras têm seus tampos danificados, sujos e descolados, algumas até sem o revestimento de fórmica chegam a deixar as fibras de material compensado expostas. Além disso, nota-se que a altura do mobiliário é baixa para acomodar alunos adultos, já que foram projetadas para adolescentes, o que pode acarretar, ao longo de 4 horas de estudo, desconforto e dores no corpo.

As carteiras estão dispostas em fileiras, o que não favorece a interação do grupo.

O desenvolvimento da aula se deu apoiado em um livro didático para 1º ano do Ensino Médio, embora a classe cursasse o 3º. O texto expunha a letra da canção “Para todos” do compositor Chico Buarque. A proposta da professora era discutir as diferenças sociais e desenvolver, nos alunos, uma consciência desprovida de preconceitos.

A linguagem escrita se faz presente no início da aula, quando a professora procedeu à leitura da letra da canção “Para todos” e a linguagem oral foi empregada pela professora para formular perguntas, aos alunos, a respeito dos artistas citados na letra, bem como da naturalidade e do estilo musical de cada um.

Os alunos então responderam que nunca ouviram a música e que não conheciam os artistas citados, sua naturalidade e estilo musical. Desenvolveu-se então o seguinte diálogo:

Professora: Como vocês não conhecem? Aposto que se fosse Michael Jackson vocês saberiam! (tom de ironia e riso)

Aluno 1: Lógico professora! Ele é o rei do pop.

Aluno 2: Se você falasse do Jorge Aragão eu saberia, porque é o que eu gosto de ouvir.

Professora: (Não comentou a colocação do aluno. Silêncio. Fez gesto unindo as mãos entrelaçando as pontas dos dedos): Vocês são muito fechados, não têm cultura!

Nota-se que o diálogo revela conflitos e tensões, além de uma contradição entre a intenção da proposta inicial da aula e as práticas discursivas que efetivamente ocorreram.

Ao ignorar os artistas mencionados pelos alunos, evidenciado na linguagem oral, gestos e silenciamentos, a professora demonstrou preconceito em relação à cultura musical deles, já que elegeu os artistas citados por Chico Buarque e o estilo Música Popular Brasileira (MPB) como referências de cultura desconsiderando outros artistas e estilos musicais do ambiente cultural, conhecimento, gosto e preferência dos alunos a ponto de considerar “nula” a cultura dos mesmos.

Ainda que sem intenção, nota-se que houve uma comparação entre a cultura da professora e a dos alunos. Segundo SOARES (1986), negar a existência de cultura em determinado grupo é negar a existência do próprio grupo. Há uma diversidade de “culturas”, diferentes uma das outras, mas todas estruturadas, coerentes, complexas. Qualquer hierarquização de culturas seria incorreta; não se pode considerar uma cultura superior ou inferior: cada uma tem a sua integridade própria, o seu próprio sistema de valores e de costumes.

Nota-se ainda, no diálogo acima, que a linguagem foi empregada com a função de comunicar aos ouvintes (alunos) a posição que o falante (a professora) ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive uma vez que, conforme GNERRE (1991) as pessoas falam para serem “ouvidas”, respeitadas e para exercerem influência no ambiente em que realizam os atos lingüísticos.

Cabe destacar, ainda, que se perdeu uma oportunidade de ampliar o repertório cultural dos alunos, que poderia acontecer se a canção fosse gravada em CD ou fita a ser tocada em aparelho de som, ouvida e apreciada por eles. Ou seja, a falta de recursos audio-visuais interfere negativamente no processo educativo.

No final da aula a linguagem escrita se faz presente novamente, quando a professora escreveu, na lousa, as seguintes questões, copiadas do livro didático e para serem copiadas pelos alunos em seus cadernos: 1) O nome dos cantores e compositores que você conhece e que são citados; 2) A cidade e estado de nascimento deles; 3) O estilo da música que ele canta ou compõe; 4) Elabore uma lista de cantores que vocês gostam e escreva o estilo que eles cantam e de onde são.

Quanto ao uso da voz, nota-se que as relações assimétricas e tensões presentes na interação discursiva são expressas nas pausas, silenciamentos e modulações vocais que expressam ironias, dentre outros.

Em relação à linguagem corporal, observou-se que vários alunos apresentam posturas e gestos sugestivos de cansaço e/ou desinteresse, como olhar perdido, corpo esparramado na cadeira, corpo à frente e rosto apoiado na mão, corpo debruçado sobre o tampo da carteira, dentre outros, que podem ser explicados pela longa jornada de trabalho que enfrentam antes de vir para a escola.

Os dados de entrevista com a professora demonstram boas intenções desta e falta de recursos e estratégias oferecidas pela escola para concretizá-las. A professora menciona seu sonho de levar os alunos para conhecerem uma universidade, de projetar filmes em salas de vídeo, de levá-los para visitar outros espaços da comunidade, etc.

Os espaços físicos da escola são sub-utilizados. A escola possui vários espaços favoráveis ao desenvolvimento da linguagem que poderiam ser melhor utilizados: no pátio há um pequeno palco que poderia ser utilizado para apresentações de música, teatro e dança, como desdobramentos dos temas e conteúdos abordados em sala de aula. Há também uma quadra e um campo de futebol, que poderiam servir de espaços para confraternizações, festas, gincanas e campeonatos envolvendo e integrando os alunos e professores dos diferentes turnos e grupos da comunidade.

Percebe-se que a falta de preparo, de recursos e de materiais dificulta a ação educativa distanciando-a do que preconiza MUNARETTI (2005), que considera que os educadores do EJA devem trabalhar para o resgate do interesse do aluno pelo processo educativo, o desenvolvimento da criatividade e possibilitar vivências que estimulem o pensar e ajudem o sujeito a lidar com mais firmeza, confiança e responsabilidade nos problemas do seu dia a dia.

Acredita-se que mudanças iniciais que envolvam processos interativos e comunicativos poderiam ser favorecidas pela alteração da disposição das carteiras em círculo, possibilitando à docente e aos alunos olharem-se de frente, de maneira a constituir um grupo e a encorajar a participação ativa de todos no processo ensino-aprendizagem já que, segundo ARENDS (1997), a disposição das cadeiras afeta os padrões de comunicação e o comportamento dos alunos na sala de aula, melhora a atenção os níveis de participação, a interação aluno – aluno – professor e a coesão do grupo.

5. Considerações Finais

A linguagem, nos processos interativos e comunicativos do contexto analisado da classe do EJA, não se apresentou favorável para processos educacionais, formativos e promotores da saúde. Os problemas interativos e comunicativos identificados se encontram articulados a um processo de precarização educacional mais amplo, o qual engloba aspectos deficitários do ambiente, recursos, mobiliário, materiais, capacitação docente e condições de vida dos alunos.

Reconhecer esses limites é o primeiro passo para que os profissionais da saúde, dentre eles o(a) fonoaudiólogo(a) que tem a linguagem enquanto objeto de trabalho, possam compreender o contexto escolar e colocar-se como parceiros em busca de transformações que promovam saúde, melhorem a qualidade de vida e construam cidadania.

Referências Bibliográficas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDS, Richard I; McGraw Hill de Portugal, L.^a - Aprender a Ensinar. 1997.

BRASIL. Resolução CNE/CES5/2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Fonoaudiologia.

Diário Oficial da União. Brasília, 9 de Fevereiro de 2002.

SOARES, Magda. Linguagem e escola: Uma perspectiva social. Editora Tica, 1986.

GNERRE, Maurizio. Linguagem escrita e Poder 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MUNARETTI, Robianca. A importância do trabalho psicopedagógico na educação de jovens e adultos / Publicado em 27/04/2005 – WWW.novomundo.com.br

PENTEADO Regina Z Escolas promotoras de saúde: implicações para a ação fonoaudiológica. Fonoaudiologia Brasil. 2(1):28-37, 2002.

SILVA, Reginalice C. - Problematizando o ensino do SUS no Curso de Fonoaudiologia da UNIMEP. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Ativação de Processos de Mudança na Formação Superior de Profissionais de Saúde oferecido pela ENSP-Fiocruz em parceria com o Ministério da Saúde. São Paulo, 2006.

UNIMEP. Plano de Ensino da disciplina Fonoaudiologia em Espaços Sociais ministrada pelas docentes Regina Z. Penteado e Reginalice Cera da Silva. Piracicaba, 2009.